

DESAFIO WEEKEND
TEMA DA AULA
ROMANCE E ARTIGO DE OPINIÃO

DATA: ___/___/2020.

NOME:

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 01 //

(UNESP SP/2019) Leia o trecho do romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considereirei legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcansei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas

desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolíces que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – e golem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes.

Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, parálitico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na *Gazeta*, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(S. Bernardo, 1996.)

No trecho, o narrador revela-se uma pessoa

- (A) empreendedora e solidária.
- (B) invejosa e hesitante.
- (C) obstinada e compassiva.
- (C) egoísta e violenta.
- (E) preguiçosa e traiçoeira.

QUESTÃO 02

(FUVEST-SP/2020) Os textos literários são obras de discurso, a que falta a imediata referencialidade da linguagem corrente; poéticos, abolem, “destroem” o mundo circundante, cotidiano, graças à função irrealizante da imaginação que os constrói.

E prendem - nos na teia de sua linguagem, a que devem o poder de apelo estético que nos enleia; seduz - nos o mundo outro, irreal, neles configurado (...). No entanto, da adesão a esse “mundo de papel”, quando retornamos ao real, nossa experiência, ampliada e renovada pela experiência da obra, à luz do que nos revelou, possibilita redescobri - lo, sentindo - o e pensando - o de maneira diferente e nova. A ilusão, a mentira, o fingimento da ficção, aclara o real ao desligar - se dele, transfigurando - o; e aclara - o já pelo insight que em nós provocou.

Benedito Nunes, “Ética e leitura”, de *Crivo de Papel*.

O que eu precisava era ler um romance fantástico, um romance besta, em que os homens e as mulheres fossem criações absurdas, não andassem magoando - se, traindo - se. Histórias fáceis, sem almas complicadas. Infelizmente essas leituras já não me comovem.

Graciliano Ramos, *Angústia*.

Romance desagradável, abafado, ambiente sujo, povoado de ratos, cheio de podridões, de lixo. Nenhuma concessão ao gosto do público. Solilóquio doido, enervante.

Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*, em nota a respeito de seu livro *Angústia*.

Se o discurso literário “aclara o real ao desligar - se dele, transfigurando - o”, pode - se dizer que Luís da Silva, o narrador protagonista de *Angústia*, já não se comove com a leitura de “histórias fáceis, sem almas complicadas” porque

- (A) rejeita, como jornalista, a escrita de ficção.
- (B) prefere alienar - se com narrativas épicas.
- (C) é indiferente às histórias de fundo sentimental.
- (D) está engajado na militância política.
- (E) se afunda na negatividade própria do fracassado.

QUESTÃO

03

(IFGO/2014) Observe a imagem a seguir.



PORTINARI, C. *Retirantes*, 1994. Óleo s/tela. 190 x 180 cm Acervo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand/MASP. Disponível em: <http://www.proa.org/exhibicoes/pasadas/portinari/salas/id_portinari_retirantes.html>. Acesso em: 25 out. 2013.

Comparando o romance *Vidas secas* à tela *Retirantes*, pode-se dizer que:

- (A) houve ocorrência de intertextualidade na tela de Portinari, pois esta dialoga com outro texto já constituído, no caso, *Vidas secas*.
- (B) a obra *Retirantes* é uma paródia do livro *Vidas secas*, pois a deformação das pessoas na pintura constitui uma sátira às personagens.
- (C) a intertextualidade está presente na obra de Graciliano Ramos, uma vez que *Vidas secas* foi inspirada na tela *Retirantes*, de Portinari.
- (D) não há intertextualidade entre as obras, pois uma é verbal (*Vidas secas*) e a outra é imagética (*Retirantes*).
- (E) cada texto constitui um universo novo. Se houvesse diálogo entre eles, tanto Graciliano Ramos quanto Portinari poderiam ser acusados de plagiadores.

QUESTÃO

04

(PUCCamp-SP/2013)

A dois séculos de distância, o espetáculo ainda é assombroso (...) Que de tão longe uma Rainha enlouqueça e venha a morrer no cenário final do drama; que os sonhos dos Inconfidentes se cumpram depois de tantas sentenças; e que o Brasil se torne independente dali a 31 anos, e a República seja proclamada exatamente ao cumprir-se um século sobre aquelas prisões – tudo parece impregnado de um mistério claro, desejoso de revelar-se e de se fazer compreender.

(Cecília Meireles. “Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência”, anexo a Romanceiro da Inconfidência. São Paulo: Global, 2012. p. 255)

Referindo-se no texto à origem e à motivação do Romanceiro da Inconfidência, Cecília Meireles sugere que uma obra literária

- (A) importa muito mais do que o fato histórico a partir do qual supostamente tenha sido gerada.
- (B) pode nascer a partir da atualização de um fato cujo sentido fundamental não perde força na história de um país.
- (C) impõe-se com mais força quando, rejeitando os valores do passado, propõe novos caminhos políticos para um país.
- (D) tem como finalidade espelhar de modo bastante fiel os elementos essenciais da formação de uma sociedade.
- (E) deve alicerçar-se na força da documentação histórica, sem a qual se arrisca a ser um exercício gratuito de imaginação.

QUESTÃO

05

(FGV/2016)

(...) Um dia, passado muito tempo, Pedro Bala ia com o Sem-Pernas pelas ruas. Entraram numa igreja da Piedade, gostavam de ver as coisas de ouro, mesmo era fácil bater uma bolsa de uma senhora que rezasse. Mas não havia nenhuma senhora na igreja àquela hora. Somente um grupo de meninos pobres e um capuchinho que lhes ensinava catecismo.

— É Pirulito... — disse Sem-Pernas.

Pedro Bala ficou olhando. Encolheu os ombros:

— Que adianta?

Sem-Pernas olhou:

— Não dá de comer...

— Um dia vai ser padre também. Tem que ser é tudo junto.

Sem-Pernas disse:

— A bondade não basta.

Completo:

— Só o ódio...

Pirulito não os via. Com uma paciência e uma bondade extremas ensinava às crianças buliçosas as lições de catecismo. Os dois Capitães da Areia saíram balançando a cabeça. Pedro Bala botou a mão no ombro do Sem-Pernas.

— Nem o ódio, nem a bondade. Só a luta.

A voz bondosa de Pirulito atravessa a igreja. A voz de ódio do Sem-Pernas estava junto de Pedro Bala. Mas ele não ouvia nenhuma. Ouvia era a voz de João de Adão, o doqueiro, a voz de seu pai morrendo na luta.

Jorge Amado, Capitães de Areia.

Embora as atitudes assumidas por Pirulito, Sem-Pernas e Pedro Bala sejam bastante diferentes entre si, todas as três são reações a um estado de coisas cuja causa principal, tal como identificada no contexto de Capitães da Areia, é a

- (A) corrupção generalizada.
- (B) sociedade de classes.
- (C) crise econômica.
- (D) perseguição religiosa.
- (E) violência policial.

QUESTÃO

06

(PUCCamp-SP/2019)

Os decênios de 30 e 40 foram momentos de renovação dos assuntos e busca da naturalidade (...) A maioria dos escritores estavam de fato construindo uma nova maneira de escrever, tornada possível pela liberdade que os modernistas do decênio de 1920 haviam conquistado e praticado. A posição politicamente radical de vários desses autores, como Graciliano Ramos, fazia-os procurar soluções antiacadêmicas e acolher os modos populares; mas ao mesmo tempo os tornava mais conscientes da sua contribuição ideológica e menos conscientes daquilo que na verdade traziam como revolução formal. As obras de alguns inovadores, como Clarice Lispector e Guimarães Rosa, produziram um toque novo, que só mais tarde seria captado pelo público e a maioria da crítica.

(Adaptado de: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, p. 205-206, *passim*)

O arremate do romance *São Bernardo* se dá com esta determinação de Paulo Honório, narrador em ação na primeira pessoa que se dispôs a perseguir o significado de sua história:

(A) “A ideia de que pudesse ter visto alguma fotografia de Escobar, que Capitu por descuido levava consigo, não me acudiu, nem, se acudisse, persistiria.”

(B) “O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.”

(C) “E eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse alguns minutos.”

(D) “Quando Rubião voltava do delírio, toda aquela fantasmagoria palavrosa tornava-se, por instantes, uma tristeza calada. A consciência, onde ficavam rastros do estado anterior, forcejava por despegá-los de si.”

(E) “E só o papagaio no silêncio do Uraricoera preservava do esquecimento os casos e a fala desaparecida. Só o papagaio conservava no silêncio as frases e feitos do herói.”



QUESTÃO 07

(FUVEST-SP/2017)

Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arrelviava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa.

– Um dia um homem faz besteira e se desgraça.

Graciliano Ramos, *Vidas secas*.

Tendo em vista as causas que a provocam, a revolta que vem à consciência de Fabiano, apresentada no texto como ainda contida e genérica, encontrará foco e uma expressão coletiva militante e organizada, em época posterior à publicação de *Vidas secas*, no movimento

(A) carismático de Juazeiro do Norte, orientado pelo Padre Cícero Romão Batista.

(B) das Ligas Camponesas, sob a liderança de Francisco Julião.

(C) do Cangaço, quando chefiado por Virgulino Ferreira da Silva (Lampião).

(D) messiânico de Canudos, conduzido por Antônio Conselheiro.

(E) da Coluna Prestes, encabeçado por Luís Carlos Prestes.



QUESTÃO

08



(FPS PE/2017)

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritssatd dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois —

Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância

(...)

Foi há muito tempo...

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo.

Língua certa do povo.

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil.

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada

Manoel Bandeira. Evocação do Recife. (Excerto) In: Libertinagem. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p.133-136.

O ciclo literário que ficou conhecido como “Romance de 30” surgiu em um momento de grande renovação na literatura brasileira e ficou marcado:

(A) pelo foco na análise do caráter e do comportamento humano, perspectiva responsável pela criação de personagens como *Capitu*, de “Dom Casmurro” (Machado de Assis).

(B) pelo desenvolvimento de obras cujo tema é a condição feminina, e em que a mulher surge como protagonista não idealizada, de que é exemplo *Macabéa*, de “A hora da estrela” (Clarice Lispector).

(C) pela identificação com a realidade nordestina, de cujo contexto surgiram personagens heroicos, comprometidos com as causas populares, como *Fabiano*, de “Vidas secas” (Graciliano Ramos).

(D) pelo interesse acerca da realidade brasileira, mostrada a partir de teorias científicas, como o

determinismo e o positivismo, que resultou em obras de caráter histórico, como “Os sertões”, de Euclides da Cunha.

(E) por tomar como objeto de interesse o quadro social e econômico brasileiro, engajando-se em uma literatura que tinha como matéria-prima a realidade imediata, como, por exemplo, “Fogo morto”, de José Lins do Rego.

QUESTÃO

09



(FMABC SP/2012) **TEXTO I**

TENDÊNCIAS/DEBATES

Deve ser criado um imposto para financiar a saúde pública no Brasil?

NÃO

É preciso enxotar o fantasma da CPMF

Maria Cristina Sanches Amorim

A regulamentação da emenda constitucional 29 (EC 29), que definirá os gastos dos municípios e Estados com os serviços de saúde, trouxe à tona um fantasma do brasileiro, o retorno da CPMF (ainda que com outra sigla), e um debate sobre o financiamento do setor.

Precisamos enxotar o fantasma e organizar o debate, pois o "encosto" procura materializar-se na legitimidade indiscutível dos gastos governamentais com a saúde.

Folha de S.Paulo, 24/09/2011 [trecho]

TEXTO II

Manifestantes fazem ato em Brasília batizado de 'Primavera da Saúde'

Maria Clara Cabral, De Brasília

Manifestantes fazem ato nesta terça-feira (27) em frente ao Congresso Nacional para pressionar pela aprovação do projeto que regulamenta a emenda 29 – que trata do financiamento da saúde pública do país.

Batizado de "Primavera da Saúde", o ato reúne secretários e pessoas ligadas ao setor.

A intenção dos manifestantes é mobilizar os senadores pela aprovação da proposta que vincula à saúde 10% das receitas brutas da União. Esse texto já havia sido aprovado no Senado, **mas** foi modificado pela Câmara – que manteve o reajuste anual dos gastos federais na área de acordo com o crescimento da economia, ou seja, do PIB (Produto Interno Bruto).

A Folha noticiou anteontem que 43 dos 81 senadores dizem apoiar a retomada da proposta original, vinculando os 10%.

É exatamente o contrário do que deseja a presidente Dilma Rousseff, que nas últimas semanas afirmou que não aceitará aumento de despesas **se** o Congresso não indicar uma nova fonte de recursos para a saúde.

Folha de S.Paulo, 27/09/2011. (<http://www1.folha.uol.com.br/po...ado-de-primavera-dasaude.shtml>)

Considerando o propósito comunicativo desses textos, indique o gênero a que pertencem.

(A) Texto I: notícia, pois argumenta em defesa de um ponto de vista.

Texto II: artigo de opinião, pois apenas relata um fato ocorrido.

(B) Texto I: artigo de opinião, pois argumenta em defesa de um ponto de vista.

Texto II: notícia, pois relata um fato do cotidiano.

(C) Texto I: artigo de opinião, pois divulga uma descoberta científica.

Texto II: notícia, pois discute um ponto de vista.

(D) Texto I: notícia, pois polemiza um ponto de vista.

Texto II: artigo de opinião, pois relata um fato do cotidiano.

(E) Texto I: artigo de opinião, pois divulga uma descoberta científica.

Texto II: notícia, pois relata um fato ocorrido.



QUESTÃO

10



(UNIFOR-CE/2015)

DEFORMAÇÃO CULTURAL

O novo Secretário de Cultura do Rio de Janeiro está preocupado em valorizar as manifestações mais populares daquilo que, grosso modo, pode-se chamar de cultura. Fiel às suas origens, substituiu o maestro Edino Krieger da presidência do Museu da Imagem e do Som por uma neta de Cartola. E nomeou a bisneta de Donga para outro cargo de sua secretaria.

Sem entrar no julgamento de valor da neta e da bisneta de dois grandes compositores populares, a atitude do novo secretário tem alguma coisa de nepotismo, não de nepotismo de sangue, mas um tipo de nepotismo cultural inédito até agora na administração pública. O mesmo secretário promete procurar as emissoras de rádio para darem espaço ao "som" de Monarco, Dona Ivone Lara "e tantos outros".

Novamente sem entrar no mérito dos escolhidos (pessoalmente, sou fã incondicional de Monarco), creio que a função do Estado está mais acima da concorrência comercial dos diversos gêneros da nossa música. As emissoras programam-se de acordo com o mercado. Ao Estado competiria complementar as manifestações musicais e culturais que não se enquadram na grade de uma programação destinada à onda ditada pelo momento.

[...]

Cultura é um conceito abrangente que deixa de ser cultura quando se limita a manifestações setorializadas, por melhores e mais dignas que sejam.

Carlos Heitor Cony Disponível:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult505u245.shtml>.
Acesso em 10/05/2015.

O artigo de opinião, como o próprio nome já diz, é um texto em que o autor expõe seu posicionamento diante de algum tema atual e de interesse de muitos. As escolhas feitas pelo autor conferem ao texto:

(A) Leitura breve e simples, pois são textos pequenos com linguagem objetiva.

(B) Argumentos consistentes, vocabulário rebuscado, pois visa a um público específico.

(C) Ponto de vista com característica peculiar para descrição, com os verbos no imperativo.

(D) Texto dissertativo com informações coerentes e inadmissíveis.

(E) Linguagem objetiva e aparecem repletas de sinais de exclamação, os quais incitam à posição de reflexão favorável ao enfoque do autor.



GABARITO:

Questão 1 – Letra D

Questão 2 – Letra E

Questão 3 – Letra A

Questão 4 – Letra B

Questão 5 – Letra B

Questão 6 – Letra C

Questão 7 – Letra B

Questão 8 – Letra E

Questão 9 – Letra B

Questão 10 – Letra A